

OFICINAS EDUCATIVAS COM ADOLESCENTES SOBRE DSTS/AIDS E MÉTODOS CONTRACEPTIVOS: Um Relato de Experiência

Luana Carine Maron¹
Karine Adreola²
Nathália Marion Fantine³
Paola Silveira Macedo⁴
Rosane Fátima Koch⁵
Maria da Graça Soler Rodrigues⁶

RESUMO

Este trabalho relata a experiência de oficinas sobre DSTs/AIDS e métodos contraceptivos, realizadas com adolescentes tendo como objetivo conhecer o posicionamento dos mesmos frente aos temas abordados. Utilizaram-se as técnicas de trabalho em grupo embasado no método Freireano, do "Círculo de Cultura", com adolescentes na faixa etária de 14 a 18 anos inseridos no Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM de uma cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul. Foi identificado que os adolescentes possuíam mais conhecimento a cerca do tema AIDS e pouco sobre as outras DSTs. O método contraceptivo mais comentado foi o preservativo masculino. Nessa dinâmica, os acadêmicos de enfermagem, por meio da experiência, foram se produzindo educadores/educandos e os adolescentes, na interação permitida pelo Círculo da Cultura, também foram se produzindo educandos/educadores e assim foi se criando sentidos necessários e complementares aos processos de aprendizagem que naquele contexto foram se operando.

Palavras-chave: Adolescente; Anticoncepção; Doenças Sexualmente Transmissíveis; Sexualidade; Enfermagem.

¹ Autora/Relatora, acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria/UFSM Centro de Educação Superior Norte do RS/CESNORS. EMAIL: luana.maron12@hotmail.com

² Acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem UFSM/CESNORS. EMAIL: liberte-1789@hotmail.com

³ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem UFSM/CESNORS. EMAIL: nathy_np@hotmail.com

⁴ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem UFSM/CESNORS. EMAIL: polynhasilveira@hotmail.com

⁵ Acadêmica do 7º semestre do Curso de Enfermagem UFSM/CESNORS. EMAIL: rosanefatimak@hotmail.com

⁶ Orientadora. Doutoranda em Enfermagem, DINTER Novas Fronteiras UNIFESP/EEAN/UFSM. Docente do Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/CESNORS.

INTRODUÇÃO

A adolescência é uma fase de transição entre a infância e a idade adulta. É também uma fase de intensas transformações e essas podem interferir no processo do desenvolvimento dos indivíduos. Isso faz com que ele sinta a necessidade de vivenciar emoções e situações que podem os tornar mais vulneráveis em relação a sua saúde, inclusive no aspecto da sexualidade. (MAHEIRIE et al., 2005; SOUZA et al., 2007)

No Brasil, estima-se que a cada ano, quatro milhões de jovens tornam-se sexualmente ativos e cerca de 12 milhões sejam acometidos por Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs) ao ano, das quais, um terço em indivíduos com menos de 25 anos. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2005). A maioria dos adolescentes inicia sua vida sexual cada vez mais cedo, por esse motivo é importante a educação em saúde, cabendo aos profissionais da saúde orientar pais e filhos a respeito desse assunto. Ainda destaca-se a importância dessas ações para minimizar o receio e o constrangimento dos jovens na abordagem de temas relacionados à sexualidade, conversando sobre mitos e estigmas.

A não adesão aos métodos contraceptivos, a curiosidade pelas drogas, bem como a necessidade de estar inserido em um grupo, pode deixar os adolescentes mais expostos as DSTs (SOUZA et al., 2007). Em função das características dessa fase, alguns desejam aventura e ignoram a possibilidade de se contaminarem acreditando que realizam o ato sexual com pessoas isentas de qualquer doença, ficando assim susceptíveis a contaminação.

Em relação às DSTs e Aids nos questionamos se proporcionar apenas informações aos jovens é suficiente para evitar essas situações. Percebe-se que mesmo recebendo informações, tanto por profissionais da saúde ou por campanhas educativas, as pessoas continuam se colocando em situações vulneráveis, onde a orientação prestada muitas vezes não interfere na liberdade de decisão sobre sua saúde. Pode-se dizer que o conhecimento é absorvido conforme a realidade e as experiências de cada indivíduo. Segundo Mayer et al. (2006), “cada in-

formação compartilhada é um elemento que passa pela vida das pessoas através de uma espécie de filtro de seus próprios saberes gerando um conhecimento diferente...”. Por isso, é importante que possamos repensar novas estratégias de comunicação e orientação, a fim de modificar nossos objetivos e abordagem de educação em saúde, considerando as opiniões e decisões do público alvo.

Nessa perspectiva percebe-se que a educação em saúde seria a forma mais adequada para o diálogo com os jovens, na tentativa de mudar concepções dos mesmos sobre assuntos referentes à sua sexualidade, pois segundo Souza et al. (2007) a educação em saúde é um processo de ensino-aprendizagem que visa à promoção da saúde e que o educador deve ser preparado para propor estratégias, oferecendo caminhos que possibilitem transformações nas pessoas/comunidades. Deste modo, destaca-se que a orientação ao jovem sobre a própria sexualidade por meio de ações educativas em saúde deve ser inserida na sua realidade e exercida de forma dialógica e aberta. Nesse sentido, a enfermagem tem potencial para contribuir na educação em saúde desse público, utilizando práticas que permitam a reflexão, troca de saberes e diálogo entre os jovens, buscando promover o auto-cuidado.

Com esse entendimento, foram desenvolvidas atividades de grupo junto ao Programa Nacional de Inclusão de Jovens – PROJOVEM, que é a porta de entrada do cidadão à rede de proteção social básica. Este trabalha na perspectiva da prevenção e minimização e/ou superação das desigualdades sociais; vinculado ao Centro de Referência de Assistência Social – CRAS, uma unidade básica de atendimento e promoção de ações do Sistema Único de Assistência Social – SUAS.

O Projovem Adolescente é um serviço socioeducativo, voltado para jovens de 15 a 17 anos de famílias beneficiárias do Programa Bolsa Família. O programa também é oferecido aos jovens vinculados ou egressos de programas e serviços da proteção social especial, como o programa de Combate à Violência e à Exploração Sexual e o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, ou ainda jovens sob medidas de proteção socioeducativas previstas no Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

Sendo assim, este trabalho tem como objetivo relatar a experiência de acadêmicas do Curso de Enfermagem da UFSM/CESNORS no desenvolvimento de práticas de educação em saúde por meio de oficinas sobre DSTs/Aids e Métodos Contraceptivos com grupos de adolescentes do Programa Projovem de uma cidade do norte do estado do Rio Grande do Sul, bem como, conhecer o posicionamento destes jovens frente aos temas abordados.

METODOLOGIA

Este trabalho desenvolveu-se no decorrer das aulas teórico-práticas da disciplina Enfermagem no Cuidado à Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente que compõe o 6º semestre do Curso de Enfermagem da UFSM/CESNORS. O local das atividades foi uma Unidade Básica de Atendimento e Promoção de Ações do SUAS (Sistema Único de Assistência Social), através do Programa Projovem/CRAS, em um município do norte do estado do Rio Grande do Sul no período de 06/10/2010 à 20/10/2010.

As oficinas desenvolveram-se baseadas na metodologia de Paulo Freire que tem como proposta o “Círculo de Cultura”, que “é a troca de saberes entre o educador e o educando em disposição de roda, com um coordenador, estimulador do grupo, facilitando a contextualização da realidade dos jovens, com liberdade e crítica frente aos assuntos abordados” (FREIRE, 1980, p. 50).

Participaram das atividades jovens de 14 a 18 anos inseridos no Programa, totalizando 33 adolescentes, correspondendo a 19 meninos e 14 meninas. Foram realizados quatro encontros e em cada um deles estava presente uma média de 8 adolescentes.

Primeiramente, recebemos os adolescentes em uma sala do PROJOVEM localizada no CRAS. Iniciamos nosso trabalho em grupo com uma breve apresentação dos acadêmicos de enfermagem, da professora supervisora e dos jovens do programa. Logo, apresentamos nosso objetivo que consistia em investigar o conhecimento dos adolescentes a cerca dos temas propostos.

Com isso, cada coletivo dividiu-se em dois pequenos grupos com 4 participantes em média. Para cada grupo, foi entregue um pedaço de papel pardo e canetões para que os adolescentes pudessem expor seus conhecimentos, opiniões e dúvidas referentes aos temas: DSTs/Aids e métodos contraceptivos. Esses pequenos grupos foram acompanhados por três acadêmicas, com o intuito de estimular a confecção dos cartazes, durando aproximadamente 15 minutos. No momento de divisão dos grupos, deixamos que os adolescentes se agrupassem, por afinidade, o que, a nosso ver, é uma forma deles exporem com maior facilidade suas opiniões.

Posteriormente, foi realizada uma discussão sobre o conteúdo dos cartazes produzidos, buscando valorizar os saberes dos adolescentes e abrir espaço para que as acadêmicas de enfermagem realizassem suas contribuições acerca dos assuntos, considerando as respostas dos adolescentes e esclarecendo as dúvidas. Além disso, para uma melhor contextualização utilizou-se álbuns seriados sobre DSTs e Métodos Contraceptivos, o que facilitou a explicação e o aprendizado a partir da visualização das imagens. Logo após foi passado um vídeo educativo que abordou o tema Aids e realizada a exposição e a possibilidade de manipulação dos contraceptivos pelos adolescentes. Realizou-se a demonstração da colocação correta da camisinha feminina e masculina. As atividades tiveram duração de aproximadamente uma hora.

Ao término das oficinas foi realizada uma avaliação com os adolescentes para se obter um retorno sobre a contribuição da atividade, necessidade de aprimoramento da mesma, além de conhecer suas atitudes referentes à sexualidade. As questões abordaram idade, sexo, se já tinham vida sexual ativa, se usavam algum método contraceptivo e com que frequência, quais os métodos anticoncepcionais que conheciam antes do desenvolvimento da atividade e se a mesma contribuiu para sua vida.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No desenvolvimento das atividades pode-se perceber que os adolescentes, em um primeiro momento, mostraram-se com certo grau de ansiedade frente

à tarefa, e foram necessários estímulos verbais das acadêmicas para que os mesmos desenvolvessem a atividade. Talvez isso tenha ocorrido pelo fato de tratar-se de assuntos relacionados à sexualidade, tema que pode causar um certo constrangimento nesta faixa etária. Além disso, esse comportamento, talvez, dentre outros fatores de ordem psicossocial, tenha associação com o fato de que a educação formal em nosso meio ainda é do tipo bancária, em que um ensina (o educador) e o outro (educando) aprende.

Percebeu-se por meio da elaboração dos cartazes pelos adolescentes, que tinham algum conhecimento acerca de HIV/AIDS, mas também muitas dúvidas. Observamos que todos os grupos mencionaram que a principal forma de contágio é por meio de relações sexuais desprotegidas, sangue e seringas contaminadas. Isso pode ter ocorrido em função da influência das campanhas educativas do Ministério da Saúde veiculadas nos meios de comunicação de prevenção contra as drogas e a AIDS, dada sua pertinência à esfera pública, a sexualidade também interessa ao estado, principalmente por se constituir, inúmeras vezes, em um problema de saúde pública, realizam-se então medidas de orientação sexual. (CARVALHO et al., 2005)

Dentre as DSTs, as únicas citadas por alguns grupos foram a sífilis e a gonorréia, demonstrando a necessidade de conhecimento com relação ao tema, por outro lado, talvez indicando que essas são as enfermidades do meio desses adolescentes e, por isso, problematizadas no contexto da oficina. Então este deve ser um assunto que poderia ser mais bem abordado pelos serviços de saúde, pois de acordo com o estudo de Jeolás e Ferrari (2003) os programas de saúde poderiam melhorar sua forma de atuação para minimizar a vulnerabilidade sociocultural de jovens, utilizando-se de oficinas de prevenção, tentando assim melhorar a interação entre os profissionais do serviço e os adolescentes, além de representarem um espaço de reflexão sobre assuntos relacionados à sexualidade, temas dificilmente discutidos com a família ou na escola.

Em relação aos métodos contraceptivos percebeu-se que os adolescentes têm mais conhecimento acerca do preservativo masculino e da pílula anti-

concepcional. Porém, alguns demonstraram incerteza quanto ao uso correto. Uma afirmação que comprova este fato foi o relato de um adolescente que afirmou erroneamente que o uso de duas camisinhas, feminina e masculina, dá mais proteção. Frente a isso, as acadêmicas esclareceram que o uso concomitante destes não é indicado, ocasionando riscos de rompimento. Outros métodos citados na pela maioria dos grupos foram: Dispositivo Intrauterino (DIU), a pílula do dia seguinte e o diafragma.

Esse dado sinaliza para a necessidade de continuidade dessas oficinas abordando, por exemplo, a iniciação sexual do adolescente, pois estudo, realizado em município vizinho, aponta que o conhecimento desses métodos não é suficiente para proteger os jovens de situações que podem emergir da prática sexual nesta fase da vida, uma vez que, em geral, não têm condições psíquicas e suporte social para lidar com uma gravidez indesejada, um sofrimento em virtude de um abandono por parte do companheiro/a e um isolamento social e familiar (CARMO, VAN DER SAND, 2007)

Partindo dos saberes dos adolescentes, foram explanados as causas, sinais e sintomas, tratamento, transmissão, diagnóstico e prevenção das DSTs/AIDS. Após, foi abordado o tema métodos contraceptivos, elencando os principais métodos existentes, onde foi explicado o modo de uso, suas ações e conservação, frisando que os únicos que previnem tanto a gravidez quanto as DSTs/AIDS são o preservativo feminino e masculino. A explanação foi realizada sempre respeitando e valorizando os conhecimentos dos adolescentes.

Observou-se que todos estavam atentos à exposição dos temas e dos álbuns seriados, alguns adolescentes ao visualizarem as imagens do álbum seriado das DSTs demonstraram admiração e uma má impressão, relatando que não imaginavam que as DSTs pudessem causar tais deformações nos órgãos atingidos.

Ainda, proporcionamos aos adolescentes o manuseio dos métodos contraceptivos, bem como a demonstração do uso correto da camisinha feminina e masculina; onde se oportunizou a participação dos jovens na colocação dos preservativos.

Após a análise das avaliações realizadas ao término de cada oficina, dos 33 adolescentes, 20 responderam que já tinham vida sexual ativa. Destes, todos afirmaram usar algum método contraceptivo, a maioria em todas as relações e alguns às vezes. Em relação ao conhecimento dos jovens sobre os métodos contraceptivos antes da realização da atividade, os dois mais citados foram o preservativo e a pílula anticoncepcional.

Quando questionados acerca do trabalho realizado, se contribuiu para a vida de cada um, todos afirmaram que sim. Citaram que a atividade colaborou para: conhecimento das DSTs/Aids e métodos contraceptivos, sanar dúvidas, prevenir as DSTs e a gravidez, tranquilizar quanto ao uso correto de preservativo e a importância de sua utilização em todas as relações sexuais.

Durante a realização da atividade não houve dificuldades relevantes. Os adolescentes mostraram-se receptivos e atenciosos, participando das ações propostas, apesar de inicialmente estarem pouco comunicativos, o que possivelmente tenha ocorrido em razão do método problematizador de Freire, que remete à reflexão, ao cultivo da autonomia, da responsabilidade por meio da interação com colegas de grupo e com as acadêmicas.

As dinâmicas utilizadas para o desenvolvimento das oficinas foram satisfatórias no tangente a educação em saúde, uma vez que os adolescentes afirmaram que a oficina contribuiu para um melhor conhecimento do assunto proposto. Com isso, o trabalho desenvolvido respondeu as nossas expectativas além de conhecer o posicionamento dos jovens frente aos temas abordados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As atividades exigiram pensamento crítico, trabalho em equipe, esforço e dedicação, sendo um desafio para a execução das ações planejadas, especialmente para superar a experiência de ser um educador em saúde. Foi possível desenvolver atividades que não fossem cansativas aos adolescentes e que fornecessem subsídios necessários para o to-

tal entendimento do tema. Como ponto negativo percebido, foi à reação de timidez demonstrada pelos temas, prejudicando nosso modelo de atividades, onde o foco de nossas ações seria a participação dos jovens de forma dialógica e aberta.

Assim, nessa dinâmica, os acadêmicos de enfermagem, por meio da experiência, foram se produzindo educadores/educandos e os adolescentes, na interação permitida pelo Círculo da Cultura, também foram se produzindo educandos/educadores. Significa que, nesse movimento, acadêmicos e adolescentes produziram sentidos necessários e complementares aos processos de aprendizagem que naquele contexto foram se operando. Então, por meio da experiência, foi-se tecendo um aprender a ser enfermeiro e a fazer educação em saúde e, também, um aprender a ser e fazer-se adolescente reflexivo e crítico sobre si próprio e sobre seu mundo.

REFERÊNCIAS

- CARMO, R.; VAN DER SAND, I.C.P. O discurso dos adolescentes sobre vida sexual na adolescência. *Rev. Eletr. Enf.* [Internet]. 2007;9(2):417-31. Disponível em <<http://www.fen.ufg.br/revista/v9/n2/v9n2a10.htm>>. Acesso em: 21 jul. 2011.
- CARVALHO, A. M.; RODRIGUES, C. S.; MEDRADO, K. S. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia* 2005, 10(3), 377-384
- FREIRE, P. *Conscientização*. 3 ed. Rio de Janeiro: Moraes, 1980. p. 50.
- JEOLÁS, L S.; FERRARI, R. A. P. Oficinas de prevenção em um serviço de saúde para adolescentes: espaço de reflexão e de conhecimento compartilhado. *Ciência & Saúde Coletiva*, 8(2): 611-620
- MAHEIRIE, K, URNAU, L.C, VAVASSORI, M.B, ORLANDI, R, BAIERLE, R.E, Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: Um relato de experiência, *Psicologia em estudo*, Maringá, v.10, n.3, p.537-542, set./ dez. 2005, Florianópolis, Santa Catarina.

MEYER, D. E. E.; MELLO, D. F. de; VALADÃO, M. M.; AYRES, J. R. de C. M. “Você aprende. A gente ensina?” Interrogando relações entre educação e saúde desde a perspectiva da vulnerabilidade. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, 22(6):1335-1342, jun, 2006; pág. 1335-1342

MINISTÉRIO da Saúde. Departamento de DSTs, AIDS e Hepatites Virais. Disponível em <<http://www.aids.gov.br>>. Acesso em: 25 out. 2010.

SOUZA, M. M, BRUNINI, S, ALMEIDA, N.A.M, MUNARI, D.B, Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes, *Rev Bras Enf*, Brasília 2007 jan-fev; 60(16):102-5.